

Nero e seu Principado: as visões de um debate

Ana Lucia Santos Coelho (Doutoranda UFOP)

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar de que modo algumas pesquisas contemporâneas usaram a tradição antiga literária negativa sobre Nero e seu Principado para construir as suas próprias representações do soberano. Para tanto, faremos um breve debate historiográfico que aponte a gama de configurações possíveis dos retratos do *princeps*.

Palavras-chave: História Antiga. Principado de Nero. Tradição literária negativa.

Abstract: The goal of this article is to discuss the ways through which contemporary research has used the negative ancient literary tradition concerning Nero e his Principate in order to build its own representations of the sovereign. To this end, we conduct a brief historiographic analysis that shows the diversity of possible configurations of portrayals of the *princeps*.

Keywords: Ancient History. Neronian Principate. Negative literary tradition.

Introdução

Se existe um tema que parece ter sido amplamente explorado pela historiografia da Antiguidade é o do Principado de Nero César Augusto, cujo período compreendeu os anos de 54 a 68. São muito conhecidas as narrativas do mundo greco-romano, compostas por Tácito, Suetônio e Dião Cássio, que consideraram esse período como a encarnação do exagero, da devassidão e da crueldade. Célebres são as passagens que nos informam como o soberano assassinou sua mãe Agripina, envenenou o seu meio-irmão Britânico e chutou sua esposa grávida até a morte.

Parece não se ignorar mais nada acerca do *princeps* e seu governo, representados sob o signo da tirania. Aliás, as narrativas da crueldade de Nero romperam as fronteiras da Antiguidade, podendo ser lidas até mesmo na modernidade: foi esse imperador que serviu de inspiração para a escrita do matricídio na obra *Hamlet*, de Shakespeare, e do fratricídio em *Britannicus*, de Racine.

A historiografia contemporânea também acompanhou esse processo. Ao verificá-la, observamos que, amiúde, o soberano é apresentado como um mau imperador. Por exemplo: Guglielmo Ferrero (1947, p. 221), em seu livro *História Romana*, afirma que a riqueza, o poder e as adulações despertaram no jovem os maus instintos até então ocultos; B. H. Warmington (1969, p. 71-72), em *Nero: Reality and legend*, enfatiza a frivolidade e as tolices imperiais; M. Rostovtzeff (1977, p. 198), em *História de Roma*, argumenta, ao seu turno, que o Principado de Nero, assim como os de Tibério e Calígula, foi “cruel e terrível”.

Há, portanto, uma tradição literária negativa sobre Nero que rompe as barreiras do Mundo Antigo e alcança a contemporaneidade. É seguindo justamente essa perspectiva que pretendemos redigir esse artigo. O objetivo aqui é demonstrar de que maneira os pesquisadores atuais se utilizaram de tal tradição – que vem desde as fontes da Antiguidade – para elaborar os

seus próprios Neros. Em outras palavras, expor um debate historiográfico que aponte a gama de configurações possíveis dos retratos do *princeps*. Tal debate, para fins didáticos, será dividido em três grupos, nomeados: 1) *Nero: um mau imperador*; 2) *Nero: um bom imperador*; 3) *Os múltiplos Neros*; os quais tratarão, basicamente, da personalidade do soberano e das influências sofridas por ele.

Nero: um mau imperador

Iniciaremos a discussão exibindo os quatro autores situados no primeiro grupo. Nele, estão elencadas as pesquisas que o interpretam como um dos piores soberanos de todos os tempos, o modelo negativo de governante, o *princeps* maldito, assassino, louco, sanguinário e megalomaníaco.

Dentre os trabalhos, o de Theodor Mommsen é o mais antigo. O seu livro *A History of Rome under the Emperors*, escrito em 1854, é um grande compêndio que analisa em 651 páginas todos os governos Júlio-Claudianos, Flavianos, Antoninos, Severos, Constantinos até chegar aos Teodósios. A ideia geral da obra é de que Principado romano foi uma espécie de monarquia constitucional, uma

[...] República com um monarca em sua cabeça [...]", onde o Senado jamais esteve em pé de igualdade com o imperador. O poder desse último era o equivalente a uma autocracia, potencialmente ilimitado, e advinda das estruturas magistráticas republicanas, como o *imperium proconsulare*¹ e a *tribunicia potestas*.² O postulado existente por detrás do Principado consistia no estilo

¹ Grimal (2008, p. 51) esclarece que o termo império proconsular designava um feixe de poderes com os quais eram investidos os magistrados superiores, que acumulavam responsabilidades civis – administração pública e fiscal, segurança interna, o poder judicial – e militares, como o comando dos exércitos em campanha.

² A *tribunicia potestas* conferia ao imperador os poderes de um tribuno, ou seja, o de convocar o Senado, vetar suas decisões e apresentar projetos de lei. Esse poder podia ser concedido de modo vitalício e “[...] o tornava imune à interferência das [...] outras magistraturas” (LE GLAY, 2009, p. 217).

pessoal de governo, em que o soberano era um funcionário administrativo com o monopólio do poder (MOMMSEN, 2005, p. 22).

Em função disso, a época imperial representou, para o historiador alemão e ex-catedrático da Universidade de Breslau, uma falência política, militar, econômica e moral da República antiga. Falência porque os imperadores nunca conseguiram equilibrar a balança do poder e criar uma coexistência de responsabilidades entre si mesmos e o Senado. Ao acumularem magistraturas e engrandecerem a sua autoridade, eles tornaram irreal qualquer ideia de domínio senatorial. E sem o consentimento e a cooperação do Senado não poderia haver um Principado eficiente e seguro, um governo com a aparência republicana de respeito às formas constitucionais, isto é, que ocultasse a imagem usurpadora do *princeps*.

Na visão do autor, Augusto foi o único que se preocupou em manter uma fachada republicana e em governar junto aos interesses da elite, a fim de evitar possíveis dissidências. Em contraste, Nero foi um dos que mais teve apatia em relação aos assuntos políticos, desconsiderando tudo o que não estivesse voltado ao seu diletantismo artístico. Segundo Mommsen:

[...] O negócio do governo era repugnante para ele. Ele não apreciava esforços em larga escala, particularmente de tipo militar. Ele foi o primeiro imperador que não sentiu necessidade em estar à frente de suas tropas. [...] Ele detestava completamente a aristocracia romana, procurando erradicar o Senado e dominar apenas com homens livres e equestres. Era uma natureza covarde e não militar (MOMMSEN, 2005, p. 153).

A apatia era tanta que Mommsen (2005, p. 152) comenta sobre o fato de Nero nunca ter escrito os seus discursos, em geral, era Sêneca que os compunha para ele. Todos os outros soberanos, sem exceção, redigiram os seus próprios. O que o *princeps* gostava mesmo era de se apresentar no palco como ator e cantor, e mesmo nisso, “[...] mostrou-se totalmente inepto”. A indiferença política somada à falta de vocação artística, então, levou o autor a declarar:

Ele foi indiscutivelmente o imperador mais desprezível que já sentou no trono de Roma, e isso realmente diz alguma coisa. Ele era um adolescente covarde que estava consciente do seu poder. Na sua mentalidade fantasmal, ele procurou a destruição de todo o globo (MOMMSEN, 2005, p. 152).

Prosseguindo, o trabalho de Mikhail Rostovtzeff também é bastante importante, pois foi um dos pioneiros na utilização de descobertas arqueológicas para a análise da história cultural da Grécia Clássica e da Roma imperial. O seu livro *História de Roma*, publicado em 1928, oferece uma exposição cronológica e abrangente dos fatos, abordando desde as correntes de imigração para a Itália, no século VIII a.C., até as causas do declínio da civilização antiga, no século IV.

É no capítulo dezesseis, intitulado *A Dinastia Júlio-Cláudia*, que o historiador russo, da Universidade de Yale, aborda o Principado neroniano. Ao discutir brevemente esse contexto, o considera um período de ações sanguinárias e crimes terríveis, a exemplo dos assassinatos de Britânico e Agripina. A seu ver, Nero, mesmo influenciado por Sêneca e Afrânio Burro, não soube lidar com a oposição da aristocracia romana, situação que o levou a instituir um “reinado de terror [...], com o massacre de todos os suspeitos de não simpatizarem com ele ou com seus métodos de governo” (ROSTOVITZEFF, 1983, p. 198). Essa conduta hostil, somada ao desinteresse do *princeps* pela atividade militar, à sua paixão pelo teatro e à preferência que demonstrava a favor dos gregos, provocou um crescente desagrado nos senadores e na Guarda Pretoriana, cuja reação concretizou-se no preparo de um “golpe”. Segundo Rostovtzeff (1983, p. 198-199), eles “já não suportavam o tirano, o ‘senhor e deus’” e queriam “restaurar a ‘liberdade’ que o tirano tinha suprimido”, obrigando-o a se suicidar em junho de 68.

É sob esse viés que veio a lume a obra *History of Nero*, redigida no ano 1958 por Jacob Abbott, um prolífico escritor de ficções juvenis, biografias e livros religiosos. Na parte inicial de seu texto, explana sobre os delitos

cruéis e abomináveis cometidos pelo soberano. Os homicídios de Britânico, Otávia, Agripina e Popeia Sabina constituíram crimes antinaturais e monstruosos que revelaram a posição do *princeps* à frente de tudo o que a depravação humana já havia presenciado. No caso específico do matricídio, Abbott (1958, p. 208) menciona que não constituiu um ato de autodefesa, pois Agripina não pretendia causar danos ao seu filho. Também não foi uma ação de violência apressada, motivada por um amor repentino, ou um feito de necessidade política, como um meio para obter um desejo público. Na verdade, foi um crime legal, deliberado e bem preparado, efetuado com o objetivo de eliminar um obstáculo à perpetração de outro delito. De acordo com o autor, “Nero assassinou a sua mãe a sangue frio, apenas porque ela estava no caminho de seus planos para se divorciar de sua esposa inocente [Otávia], e se casar adúlteramente com outra mulher [Popeia]” (ABBOTT, 1958)

Tamanha atrocidade não causou remorsos no imperador, afirma Abbott (1958, p. 213-214). E, no intuito de apressar seu alívio, ele investiu em várias espécies de excesso e desordem. Assim, passou, de fato, a negligenciar

[...] os negócios públicos do Império – aparentemente considerando o vasto poder e os imensos recursos que estavam sob seu comando como os únicos meios para a gratificação completa de suas propensões e paixões pessoais. A ambição que realmente o motivou foi o desejo de alcançar fama como cantor e ator no palco (ABBOTT, 1958, p. 215).

Para tanto, dispendeu somas de dinheiro incalculáveis, realizou confiscos e exações despóticas de múltiplos tipos e ausentou-se dos assuntos de política externa. Essa dedicação ao cultivo de sua arte o tornou “[...] orgulhoso, vaidoso, voluntarioso, cruel e acostumado a ceder sem restrição a todas aquelas tendências imorais que sempre ganham domínio sobre a alma humana” (ABBOTT, 1958, p. 121). Não demorou muito, então, para que a extravagância e a profusão de Nero despertassem nas altas categorias sociais a vontade de destruí-lo e substituí-lo por Galba, um

comandante – no entendimento da elite – distinto, honrado e, sobretudo, respeitoso perante as tradições e instituições romanas.

De igual modo, Brian Herbert Warmington elucida a excentricidade do *princeps*. Em 1969, o ex-professor de Estudos Clássicos da Universidade de Bristol, compôs o livro *Nero: reality and legend*, no qual argumenta que os vícios do imperador foram os causadores da insatisfação da aristocracia e os fomentadores de sua queda. Vícios esses que diminuía o interesse pelas questões públicas e aumentavam a atenção aos deleites artísticos. Com efeito, o autor assevera que a administração provincial ficou esquecida, havendo uma diminuição na concessão da cidadania romana e na fundação de colônias fora da Itália. Elucida ainda que Nero “[...] nunca visitou os seus soldados e não demonstrava interesse por eles” (WARMINGTON, 1969, p. 71). A sua responsabilidade “[...] parece ter terminado com a escolha de governadores para as províncias em que existiam forças bélicas e com a aprovação de medidas para apoiá-los caso ocorressem problemas” (WARMINGTON, 1969, p. 71-72).

Além da indiferença militar, Warmington (1969, p. 69) trata das dificuldades financeiras que o soberano impeliu ao Império e de suas ambições autocráticas. A respeito das primeiras, nos conta que

as reservas de ouro do Tesouro foram rapidamente reduzidas por aumentos repentinos nas despesas [...]. As únicas alternativas quando se necessitava de mais dinheiro era o aumento da tributação ou a apreensão da propriedade dos ricos. Nero é um dos vários imperadores que foram acusados de condenar homens à morte por traição para conquistar sua riqueza.

Quanto aos anseios, anuncia um movimento na mesma direção de Calígula, ou seja, um impulso de embasar o governo em um poder pessoal com sanção religiosa. Como amostra, temos, de 65 d.C. em diante, moedas em cobre retratando Nero com a chamada coroa irradiada, destinada somente aos imperadores deificados. A estátua colossal de si próprio feita pelo artista grego Zenodoro, que ele havia colocado no vestíbulo da *Domus Aurea*, é mais uma indicação; “[...] depois de sua morte precisou de pouca

alteração para ser transformada em uma imagem do deus Sol” (WARMINGTON, 1969, p. 121).

Nero: um bom imperador

Em contrapartida a essas visões negativas, temos os três autores dispostos no segundo grupo. Aqui se situam os estudos que o veem como um governante incompreendido pela História e que tentam construir um retrato mais positivo, representando-o como um *princeps* exemplar, sensível, apaixonado, ousado e desenvolvedor de grandes projetos.

O primeiro autor é Bernard William Henderson, ex-catedrático de Estudos Clássicos na Universidade de Oxford. O seu livro *The life and Principate of the emperor Nero*, composto no ano 1903, é um trabalho meticuloso e preciso que traz os principais episódios da vida do último Júlio-Cláudio. Ao longo da obra é bem evidente a deferência do autor pelo *princeps*, um apreço que se reflete nas justificativas criadas para minimizar as atrocidades praticadas pelo governante. A título de ilustração, logo nas primeiras folhas declara:

Concedemos ao grande imperador toda a nossa admiração justa e [...] talvez devamos confessar que a nossa visão de historiador sobre Nero pode ser tão inadequada quanto o gosto jornalístico de todas as eras (HENDERSON, 1903, p. 15).

A narrativa de Henderson prossegue com a constante imagem de um soberano habilidoso, genial e perspicaz, cuja administração teria feito honra ao veterano mais bem sucedido. E não obstante a pertinência de Sêneca e Burro em tal gestão, o historiador salienta que Nero não pode ser visto como uma simples marionete de seus ministros, mas como um *princeps* que escutava o conselho deles e que tinha projetos, determinação e discernimento próprios (HENDERSON, 1903, p. 76).

No tocante aos delitos, o autor os entende como necessidades políticas e acrescenta que não causaram prejuízos à gerência dos negócios

públicos. Inclusive, argumenta que até a paixão pela música, embora fosse preferida em comparação aos assuntos de Estado, não impediu a efetuação do governo com coragem, sagacidade e sucesso (HENDERSON, 1903, p. 67-126). Em suma, Nero, apesar da tirania no fim de sua vida, cumpriu, por treze anos,

[...] um bom serviço ao Estado, serviço esse que não pode ser enterrado sob uma massa esmagadora de iniquidades. Os primeiros anos de seu governo foram anos de justiça e misericórdia, de uma administração prudente e de uma política cuidadosa. [...] Dentro das fronteiras, nenhuma guerra perturbou a paz até o ano de sua morte, e a rara injustiça dos seus governadores foi em grande parte severamente punida (HENDERSON, 1903, p. 421-422).

Massimo Fini compartilha desse pensamento no seu livro *Nero – o imperador maldito: dois mil anos de mentiras*, impresso em 1993. O fascínio do jornalista italiano pelo *princeps* é tão copioso que o elencamos como o maior defensor deste grupo, com uma narrativa apologética que se delonga por 283 páginas. Para ele, Nero foi um grande estadista, um visionário, o artífice de uma revolução cultural e um homem à frente de seu tempo (FINI, 1993, p. 14).

Como estadista, existiram algumas características que o definiram, alega Fini (1993, p. 52-178). Por exemplo: o soberano sempre recorreu a uma política econômica em prol dos menos ricos; era muito cauteloso com o dinheiro do erário; nunca pensou em instituir uma monarquia teocrática; encorajou a mentalidade pacifista; sempre caminhava em direção de medidas mais amenas; não era um sanguinário e odiava a guerra e a violência; suportava com paciência os impropérios e os insultos das pessoas; era demasiado tolerante no âmbito religioso; e jamais perdeu o senso dos seus deveres de *princeps*, a despeito do gosto pelos espetáculos.

Tais divertimentos, enfatiza o autor, não surgiram ao acaso e nem para curar feridas. Ao contrário, foram frutos dos desgostos políticos sofridos no início do Principado. A recusa do Senado em aceitar a sua proposta de

Reforma Fiscal,³ em 58, e o incidente do *praefectus urbi* Pedânio Segundo, em 61, levaram Nero a tomar distância das atividades administrativas e a “[...] procurar introduzir [...] elementos da menos grosseira e mais civilizada cultura helenista”.⁴ Ambos os episódios serviram para o soberano compreender que “[...] qualquer política social, como a chamamos hoje, era impossível com uma classe dirigente que não tolerava nenhum arranhão nos próprios privilégios e nas próprias imensas riquezas” (FINI, 1993, p. 38-54).

Foi por essa razão que o *princeps* se direcionou à plebe, defende Fini (1993, p. 15). Ela o entendia e o amava, chegando até a cultivar a ilusão de que ele não havia morrido em 68 e que voltaria para fazer justiça. A realidade é que governou “[...] para o povo, contra as oligarquias que o oprimiam e exploravam”. Em todo caso,

durante os quatorze anos de seu reinado, o Império experimentou um período de paz, prosperidade e dinamismo econômico e cultural que jamais teve ou teria no futuro. [...] Este imperador músico, cantor, poeta, ator, escritor, auriga, interessado na ciência e na técnica, promotor das mais ousadas explorações, autor e admirador de projetos grandiosos, foi um *unicum* e não só na história do Império romano (FINI, 1993, p. 14-15).

Ainda no caminho laudativo incluímos a obra do jornalista inglês Richard Holland, *Nero: the man behind the myth*, lançada no ano 2000. O propósito do livro é resgatar o soberano da imagem hostil espalhada após a sua morte e que permanece até a contemporaneidade, bem como mostrar que ele foi “[...] mais um libertário do que um opressor, que a sua política consistia em ‘fazer amor e não a guerra’, e que ele se tornou [...] o primeiro grande *pop star* da história” (HOLLAND, 2000, p. vii).

Na tentativa de alcançar o seu objetivo, o autor faz inúmeras afirmações elogiosas a Nero, assegurando que era um homem e não um monstro; que não tinha gosto pela crueldade; que desprezava as categorias

³ Sobre a Reforma Fiscal, cf. LEVI, M. A. *L'impero romano*. Milão: Instituto Editorial Cisalpino, 1949, p. 270-272.

⁴ Acerca do incidente de Pedânio Segundo, cf. BRADLEY, K.R. *Slaves and Masters in the Roman Empire: a study in social control*. Oxford: Oxford University Press, 1987, p. 114-131.

sociais para escolher os seus amigos; que era um grande populista; e que queria tornar o mundo um lugar mais bonito e feliz (HOLLAND, 2000, p. 5-214). A sua condução imperial consistia em

[...] manter a paz e a harmonia dentro das fronteiras, restringindo a atividade militar a um mínimo necessário, preferindo a diplomacia à guerra. Sua política doméstica, no final, pautava-se em evitar o assassinato, mantendo as pessoas felizes e tentando elevar suas visões para o que ele considerava ser as melhores coisas da vida – música, poesia, artes visuais e delitos eróticos (HOLLAND, 2000, p. 10).

De acordo com Holland, Nero é visto erroneamente como o maior vilão de todos os tempos. Conquanto fosse excessivo em tudo o que fizesse, nunca torturou as suas vítimas e só cometeu assassinatos quando se sentiu pessoalmente ameaçado. Na verdade, ele era muito mais moderado do que as fontes nos revelam. Segundo Holland:

Nos primeiros oito anos de seu reinado, o número total de suas vítimas de homicídio foram quatro: duas mulheres e dois homens: sua mãe, sua esposa, seu cunhado e um primo. Em cada caso, ele tentou outras soluções do que o assassinato, durante um período de anos, antes de decidir que não havia outra alternativa efetiva. As acusações de que, durante este período, ele também envenenou Burro, Britânico e sua tia Domicia [...] são altamente implausíveis e quase certamente falsas. Este cálculo de quatro assassinatos confirmados em oito anos, todos confinados ao mesmo grupo familiar, não é a marca de um homicida monstruoso [...], mas a reação demorada de um governante cauteloso que sabe que se ele for esfaqueado nas costas será por um dos seus parentes ou amigos (HOLLAND, 2000, p. 142).

Livre, então, do estigma de homicida, transformou-se no soberano exemplar, no responsável por proteger o Império das invasões armadas e conceder uma vida tranquila aos seus habitantes. O principal motivo correspondeu à política de paz da administração, “[...] baseada no tratamento

legal das províncias e na convicção de que Roma tinha pouco ou nada a ganhar – mas muito a perder – pela aventura militar além das fronteiras [...]” (HOLLAND, 2000, p. 89).

Em síntese, os dois grupos expostos até agora explicitam uma polaridade de percepções a respeito de Nero. Ora o imperador é assaz cruel e sanguinário, ora é bastante benévolo e exemplar. Os autores, em geral, parecem estar mais preocupados em compor uma reconstrução imaginária e apaixonada do passado do que em tentar apreendê-lo sob uma perspectiva, de fato, histórica e crítica. Aí reside um problema de análise das fontes. A nosso ver, os escritores fazem uma investigação superficial e limitada delas, ignorando, amiúde, os contextos e os interesses específicos presentes em tais produções. Junto a isso ainda realizam uma avaliação a partir de concepções pessoais e modernas, gerando anacronismos que prejudicam as suas narrativas. Por fim, acabam nos oferecendo uma reavaliação da vida e da personalidade de Nero, ao invés de um estudo focado no período histórico que condicionou as evidências literárias e o soberano.

Doravante, nos direcionaremos a um grupo mais heterogêneo, ou seja, ao que examina não só o imperador, mas ele em interação com as influências recebidas e com as pressões inerentes ao Principado. Vejamos, portanto, o terceiro grupo nomeado *Os múltiplos Neros*.

Os múltiplos Neros

Antes, vale ressaltar que concerne àqueles que conjecturam a existência não de um Nero, mas de diversos conforme a mudança dos contextos. Aqui citaremos duas autoras, Gertrude van de Ketterij e Laurie Lefebvre, duas historiadoras com formação em universidades europeias. A primeira defendeu a sua dissertação na Universidade de Leiden em 2009, intitulada *The development of the image of Nero as murderer, arsonist and persecutor of Christians*. Enquanto a segunda publicou, no ano de 2017, o livro *Le mythe Néron: La fabrique d'un monstre dans la littérature antique* (1^{er}-

V^o s.), fruto da sua tese de doutorado defendida na Universidade de Lille em 2009. Começamos por Ketterij.

A sua ideia é verificar se a imagem do *princeps* sempre foi negativa e de que maneira o mesmo é percebido no decorrer dos séculos. Partindo da Antiguidade, analisa a vida do imperador nos testemunhos de Tácito, Suetônio, Dião Cássio, Eutrópio, Orósio, Sulpício Severo, Aurélio Victor, Eusébio de Cesareia, entre outros. Após as leituras, observa que “[...] a maioria dos escritores do Mundo Antigo era negativa sobre Nero” e que sua representação ou estava vinculada aos interesses aristocráticos existentes por trás das fontes ou ao início da dinastia flaviana (KETTERIJ, 2009, p. 47).

A seguir, já na Idade Média, aponta a intervenção do catolicismo na edificação do retrato do soberano, lido, sobretudo por Tertuliano, como modelo de depravação moral e crueldade. No Renascimento, demonstra que o reavivamento da cultura clássica acrescido à redescoberta do texto de Tácito provocaram o desenvolvimento de um Nero tirano. Uma visão perpetuada nos romances, tragédias, peças teatrais e filmes dos séculos XVII, XVIII e XIX, sendo o *princeps* referenciado também como assassino, incendiário e perseguidor de cristãos.

Segundo Ketterij (2009, p. 55-56), nos séculos XX e XXI há uma mudança de paradigma nessa reputação negativa, com a difusão de estudos históricos e biográficos que põem em xeque a culpabilidade do imperador no incêndio de Roma e nas mortes de Britânico, Agripina e Popeia. Uma alternância que, embora frutífera, manteve a predominância da imagem hostil. A explicação, para a autora, reside na longa duração da influência cristã, responsável por incutir na cultura popular o retrato do Nero Anticristo e algoz dos apóstolos Pedro e Paulo.

Diferente de Ketterij, que se prolonga até o século XXI, Lefebvre (2017, p. 14) pretende “[...] examinar a construção e a evolução da figura do monstro Nero na Antiguidade”. Ao fazê-lo, discute, cronológica e sincronicamente, um *corpus* textual extenso, cuja abrangência começa na morte do soberano e termina nos escritos de Agostinho, “[...] um dos últimos representantes da cultura clássica”.

A pertinência do trabalho, contudo, não está na diversidade de fontes empregadas, mas na forma como são exploradas. Lefebvre (2017, p. 15) concentra-se nos modelos utilizados pelos antigos para moldarem seus retratos do último Júlio-Claudiano, porque, a seu ver, eles não nasceram do nada, mas incorporaram “[...] motivos constitutivos de outras histórias e figuras e foram inscritos em várias tradições (historiográfica, retórica, trágica, polêmica, filosófica), que forçaram a gênese e impuseram uma grade de escrita e leitura”. Por conseguinte, sua pesquisa leva em conta dois fatores: o peso do gênero literário em que cada retrato foi inserido e o contexto histórico de produção das múltiplas fontes. Tais fatores são importantes em razão da “bagagem” adquirida pelos historiadores antigos. Segundo a autora:

Por um lado, suas visões dos fatos são impostas pela ótica de seu ambiente, geralmente aquela da ordem senatorial, a qual a maior parte deles pertencia. Por outro, a formação retórica que eles receberam [...] influência na sua leitura e representação dos fatos (LEFEBVRE, 2017, p. 15).

A averiguação dessas questões divulga que Tácito, Suetônio, Dião Cássio, Flávio Josefo, Comodieno, Hilário de Poitiers, dentre outros, lidaram com os eventos de acordo com as necessidades de sua causa. Por exemplo, os autores do círculo senatorial, frustrados com a perda de seus privilégios, delinearam um *pessimus princeps*; os escritores de língua grega, devido ao amor do soberano pela cultura helenística, focaram na imagem do citaredo; e os cristãos, por causa da perseguição, privilegiaram o tema da crueldade e da bestialidade.

Todavia, um *topos* é comum a todos: o caráter tirânico e monstruoso de Nero. Os relatos, afirma Lefebvre (2017, p. 268), são sempre ajustados para compor um retrato onde a tirania é imediata e claramente perceptível. Isso significa que os antigos têm apagado ou alterado os pretextos os quais justificariam as atitudes do imperador. Assim, as medidas efetivadas após o fogo de Roma tornaram-se marcas de ganância e a edificação da *Domus Aurea* significou a apropriação total por um único homem do espaço dos cidadãos.

Ao concluir, a historiadora atesta que a lenda negativa

[...] evoluiu segundo dois princípios [...] contraditórios: mutação e permanência. A homogeneização da figura de Nero e sua redução em torno de certos tópicos foram acompanhadas por um fenômeno de esquematização progressiva e obliteração dos detalhes [...] que transformaram o último Júlio-Claudiano em um tipo atemporal e a-histórico, desconectado de sua realidade primitiva (LEFEBVRE, 2017, p. 268).

Considerações finais

Estando delineadas as três visões do debate, algumas conclusões se impõem. Em primeiro lugar, a figura do soberano, mesmo com o passar dos anos, parece continuar contemporânea e instigadora, estimulando jornalistas, historiadores e escritores de literatura a redigirem obras que o investigam sob distintos vieses. Em segundo, por mais que os trabalhos abordem o soberano de modos diferentes, a tradição literária negativa está sempre presente, fato que corrobora a consolidação de um retrato terrível de Nero. Em terceiro lugar, as obras publicadas têm dado prioridade à reanálise dessa lenda negativa, repensando diversas tradições do passado. Como prova, apontamos os números dos nossos grupos: temos quatro autores que simplesmente condenam o soberano (os dispostos nos grupos *Nero: um mau imperador*); contra os seis que problematizam as suas atitudes (os fixados em *Nero: um bom imperador* e *Os múltiplos Neros*). Isso revela que os estudiosos têm considerado, com maior precisão, as controvérsias existentes nas fontes hostis ao soberano, atentando-se para os julgamentos dos clássicos e para as correntes ideológicas de oposição. Talvez, essa virada tenha sido ocasionada pelo quinto simpósio da Sociedade Internacional de Estudos sobre Nero (SIEN), intitulado *Nero: história e lenda*, ocorrido em 1994. Ou, talvez, tenha sido causada pelo próprio interesse dos historiadores, nas últimas décadas, em não esconder o véu que cobre a realidade do governo de Nero. Isso não vem ao caso. O essencial é que, cada vez mais, as difamações propagadas contra ele têm sido objetos de questionamentos.

Sobre a autora:

Ana Lúcia Santos Coelho é doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestra em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio (ISEAC). Licenciada em História (UFES). Endereço eletrônico: ana.scoelho@hotmail.com

Referências

- ABBOTT, J. *History of Nero*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1958.
- BRADLEY, K.R. *Slaves and Masters in the Roman Empire: a study in social control*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- FERRERO, G. *História romana*. Trad. de Brenno Silveira. São Paulo: Livraria Martins, 1947.
- FINI, M. *Nero – o imperador maldito: dois mil anos de calúnia*. São Paulo: Scritta, 1993.
- GRIMAL, P. *História de Roma*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.
- HENDERSON, B. W. *The life and Principate of the emperor Nero*. London: Methuen & Co., 1903.
- HOLLAND, R. *Nero: the man behind the myth*. Stroud: Sutton Publishing, 2000.
- KETTERIJ, V. D. G. *From cautious ruler to cruel monster: The development of the image of Nero as murderer, arsonist and persecutor of Christians*. 2009. 60 f. Thesis (Mastership in Ancient History) – Department of History, University of Leiden, 2009.

LEFEBVRE, L. *Le mythe Néron: La fabrique d'un monstre dans la littérature antique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2017.

LE GLAY, M. [et al]. *A history of Rome*. Cambridge: Blackwell, 2009.

LEVI, M. A. *L'impero romano*. Milão: Instituto Editorial Cisalpino, 1949.

MOMMSEN, T. *A history of Rome under the emperors*. 2nd ed. London: Routledge, 2005.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WARMINGTON, B. H. *Nero: reality and legend*. London: Chatto & Windus, 1969.